



Kaká Werá Jecupé

AS FABULOSAS FÁBULAS DE
IAUARETÊ

**MATERIAL DIGITAL
DO PROFESSOR**

por Ana Carolina Carvalho



EDITORA acaLANTO

Carta aos professores

Caro educador, cara educadora:

Bem-vindo, bem-vinda ao *Manual de As fabulosas fábulas de Iauaretê*, obra que compartilha com os leitores histórias tradicionais indígenas recontadas por Kaká Werá a partir de extensa pesquisa realizada sobre a obra do folclorista Couto de Magalhães e de consultas feitas com narradores indígenas. Além disso, Kaká também recupera as histórias tradicionais contadas à sua filha, Sawara, ilustradora do livro. Com todo esse acervo em mãos, o autor reconta ao seu próprio modo, dezesseis fábulas indígenas, conferindo forte elemento autoral.

A principal personagem das histórias é Iauaretê, a onça-rei que virou guerreiro e casou-se com Kamakuã, a mulher mais bela da aldeia Kamaiurá. Juntos, eles tiveram dois filhos: Iauaretê-mirim e Juruá. Algumas das histórias, embora possam ser lidas de forma independente, possuem um encadeamento entre elas, que corresponde ao percurso de vida dos personagens, com enredos que tratam do universo da família de Iauaratê, narrando suas conquistas e agruras. Outras têm um fim em si mesmas e trazem as disputas, mas também a colaboração que pode haver entre os animais. Exemplo disso

são as fábulas que giram em torno da onça (que nessa obra sempre são vividas por Iauaretê), do jabuti e da anta.

O gênero literário em que o livro se encaixa é a fábula, que costuma ser bem conhecido em ambiente escolar. Trata-se de textos curtos, que trazem animais como personagens vivenciando situações e conflitos bastante humanos.

A partir da leitura da obra, pode-se abordar os seguintes temas: **o mundo natural e social**, cujo escopo diz respeito às descobertas e relações pessoais às esferas mais amplas, como o meio ambiente e até mesmo o universo e **encontro com a diferença**, pelo fato de apresentar valores e conhecimentos indígenas, colaborando para que as crianças possam se aproximar da diversidade cultural que compõe nosso país.

O material que você tem em mãos está organizado em quatro seções, a saber:

1. **Contextualização** – contexto da obra, tema e autoria.
2. **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino fundamental?** – justificativas da pertinência da adoção nessa etapa da escolaridade, estabelecendo diálogos com documentos norteadores, como, por exemplo, a BNCC e o PNA.
3. **Propostas de Atividades** – sugestões de atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura para que se possa ampliar os sentidos construídos na leitura e propor desdobramentos que sejam pertinentes à exploração do livro.

4. **Outras propostas de abordagem da obra** – sugestões de ações institucionais de leitura a partir da obra, envolvendo a comunidade escolar e ações de leitura em casa - literacia familiar.

- **Bibliografia comentada** - referências bibliográficas utilizadas com breve comentário sobre cada obra, situando o professor frente às obras que serviram de apoio na elaboração do material.
- **Referências Bibliográficas complementares** – sugestões de obras que dialogam com o livro adotado, seus temas e possibilidades de abordagem na escola.

Esperamos que tenha uma boa leitura!

Copyright © 2021 Editora Acalanto

Este conteúdo digital é parte integrante do *Livro do Professor*
– Edição especial PNLD 2023

Editora: Renata Farhat Borges

Texto: Ana Carolina Carvalho

Revisão: Mineo Takatama

Diagramação: Elis Nunes



EDITORA acalANTO

www.editoraascalanto.com.br

SUMÁRIO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO	5
2. POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?	8
3. PROPOSTAS DE ATIVIDADES	12
4. OUTRAS PROPOSTAS DE ABORDAGEM DA OBRA	20
BIBLIOGRAFIA COMENTADA	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES	23

1. Contextualização

Título: As fabulosas fábulas de Iauaretê

Autor: Kaká Werá Jecupé

Ilustrador: Sawara

Páginas: 96

ISBN: 978-65-84600-009-6 (Livro do estudante)

Categoria 2: Obras Literárias do 4º e 5º ano do ensino fundamental

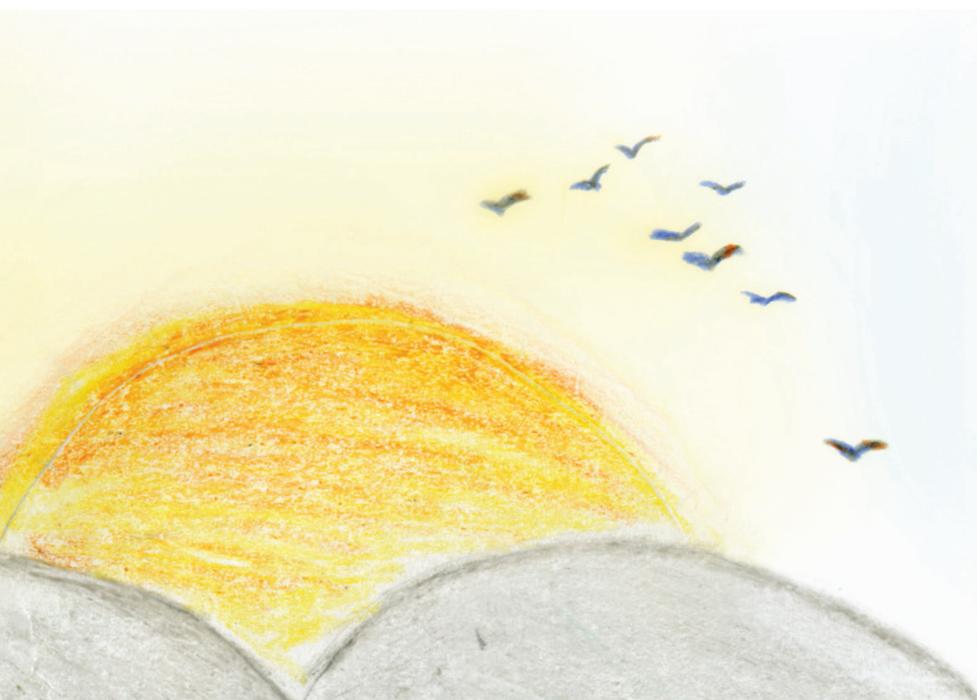
Gênero: Lendas, mitos, fábula

Temas: O mundo natural e social; encontros com a diferença

Esperamos que este material colabore para que você, professor ou professora, conheça a obra *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, oferecendo caminhos para a sua leitura na escola. Para tanto, vamos começar com uma breve contextualização sobre o livro e a autoria do texto e ilustração.

As fabulosas fábulas de Iauaretê é obra composta por histórias tradicionais de origem indígena cujas personagens são animais. Para escrevê-las, o autor, Kaká Werá Jecupé, fez uma extensa pesquisa acerca das narrativas escritas pelo general Couto de Magalhães, renomado folclorista brasileiro que recolheu muitos contos tradicionais indígenas em suas inúmeras viagens que fez ao longo dos rios Paraguai e Amazonas, durante o século XIX. A pesquisa de Couto de Magalhães fazia parte de um projeto patrocinado por dom Pedro II para criar um curso de língua tupi baseado em mitos e histórias dos povos nativos. A pesquisa virou livro e ganhou o título *O selvagem* e continha as versões tanto em tupi como em português. As histórias escritas em português ganharam contornos de fábulas.

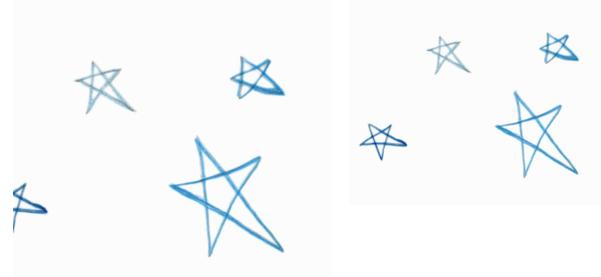
Além de ler a obra do renomado folclorista, Kaká Werá recorreu à memória de contadores para cotejar diferentes versões das histórias e acrescentar um estilo próprio à sua narrativa, resultando numa obra de grande valor autoral. As histórias selecionadas neste livro também fizeram parte do repertório das fábulas contadas por Kaká à sua filha. Para escrever este *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, Kaká convidou a



sua filha, Sawara, quando ela estava com onze anos, pedindo-lhe que relembresse as histórias contadas por ele. Ela não apenas lembrou das narrativas que ouviu, quando tinha entre cinco e seis anos, como fez as ilustrações delas.

O gênero literário em que o livro se encaixa é a fábula. A origem do termo “fábula” remete à oralidade, pois é uma derivação do verbo em latim “*fabulare*”, que quer dizer “conversar, narrar”. Aliás, é justamente desse vocábulo latino que surgiu os termos em português “falar, fala”, reforçando a origem da transmissão oral dessas histórias. E como são, em geral, os enredos e a forma das fábulas? São textos curtos, em prosa, cujas personagens, em sua grande maioria animais, apresentam características humanas, como esperteza, timosia, paciência, persistência, preguiça, entre outras. Tais narrativas costumam ser bastante reflexivas, trazendo ensinamentos sobre a condição humana e a vida, transparecendo muitos aspectos do mundo em que vivemos.

Por causa disso, um dos temas que podem ser explorados a partir da leitura da obra é **o mundo natural e social**, cujo escopo diz respeito às descobertas e relações pessoais nas esferas mais amplas, como o meio ambiente e até mesmo o universo. O outro tema que sobressai da leitura do livro é **o encontro com a diferença**, pelo fato de apresentar valores e conhecimentos indígenas, o que contribui para que as crianças entrem em contato com a diversidade cultural de que é constituído o nosso país.



O livro é composto por dezesseis fábulas, além de um prefácio do autor, abordando a origem das histórias, e um posfácio, com informações sobre Couto de Magalhães e sua pesquisa.

A principal personagem das histórias é Iauaretê, a onça-rei que virou guerreiro e casou-se com Kamakuã, a mulher mais bela da aldeia kamaiurá. Juntos, eles tiveram dois filhos: Iauaretê-Mirim e Juruá. Embora tenha muita força e poder, nem sempre Iauaretê leva a melhor nas histórias. Em algumas delas, vence a astúcia do jabuti, por exemplo, conferindo humor aos enredos. Algumas fábulas trazem valores indígenas que nos ajudam a pensar sobre a nossa exploração do meio ambiente, de certo modo, nos alertando para os perigos desse ato e nos indicando outros caminhos, mais harmoniosos com a natureza e os outros animais.

Por ter ouvido as histórias contadas por outros indígenas e pelo fato de Kaká ser indígena de origem tapuia, a forma como fábulas são escritas nos remete ao “jeito indígena” de contar as histórias, aproximando-nos ainda mais à cultura dos povos originários do nosso país.



1.1. Vamos conhecer um pouco mais do autor e da ilustradora?

Carlos Alberto dos Santos nasceu em 1964, em São Paulo, para onde seus pais haviam migrado, vindos do norte de Minas Gerais. Na juventude, Kaká conheceu o povo guarani estabelecido na região de Parelheiros, zona sul de São Paulo, onde foi acolhido e permaneceu por doze anos. Ali, foi batizado com o nome Kaká Werá Jecupé e desenvolveu uma extensa pesquisa histórica, linguística e cultural. Foi um dos precursores da literatura indígena, e hoje é escritor, ambientalista e tradutor dedicado à difusão dos saberes e valores ancestrais.

Sawara, a ilustradora deste livro, é filha de Kaká e fez as ilustrações quando tinha onze anos e já acompanhava o pai em visitas às aldeias. Seus desenhos refletem tanto seu modo de entender as histórias quanto o olhar sensível com que vê a natureza e os valores da cultura indígena.



2. Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Por muito tempo, indígenas foram personagens apresentados por autores brancos por meio de uma visão estereotipada e romantizada, muito longe da realidade e da diversidade de povos indígenas que compõem o Brasil, um dos países com maior multiplicidade sociocultural do planeta.

Recentemente, observamos esforços na educação e na sociedade no sentido de ampliar olhares para a cultura e modos de vida dos povos indígenas, divulgando saberes, valores, visões de mundo, narrativas e toda a memória oral desses povos, em toda a sua diversidade. Com o intuito de romper visões preconceituosas, estereotipadas e muito distantes da realidade, bem como valorizar o patrimônio cultural desses povos, foram aprovadas leis que exigem a inserção da cultura indígena na escola, como a **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008, que modificou o art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996), a fim de garantir que “nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, públicos e privados, torne-se obrigatório o estudo da **história e cultura afro-brasileira e indígena**”. Essa é uma aposta acertada: ao se modificar a

visão dos jovens estudantes, vai se mudando também a visão da sociedade sobre essas culturas.

Uma das formas de atualizar as culturas indígenas é por meio da arte – o cinema, a literatura, a música – divulgada para o grande público. Na esteira da ampliação desses conhecimentos nas escolas, foi se consolidando uma literatura de autoria indígena voltada para os públicos infantil e juvenil, sobretudo a partir dos finais da década de 1990. Literatura essa que nos aproxima das fábulas, cosmogonias e mitos de origens dos povos indígenas, das tradições e valores transmitidos por meio de narrativas com fortes traços da oralidade.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), *é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente. Ainda em relação à diversidade cultural, cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira. (p. 70)*

Ao entrar em contato com a literatura indígena, além de conhecer toda a especificidade dessas narrativas, valorizando formas literárias diversas, os leitores têm a chance de aprender com o diferente, respeitando-o e reconhecendo seus valores, tradições, saberes e formas de estar no mundo. De acordo com Kaká



Werá Jecupé, em entrevista para a coleção *Tembetá*, da Editora Azougue, citada em matéria da revista *Quatro cinco um*¹ “Escolhemos o modelo de conversar com a criança, de conversar com o jovem, porque eles são muito mais livres de preconceitos do que os mais velhos. As crianças são muito mais abertas ao aprendizado, a ouvir a diferença, muito mais curiosas do que os mais velhos. Então isso também foi uma estratégia. E, também, porque os nossos mitos de origem, as nossas cosmovisões, as nossas fábulas têm muito a ver com esse universo infantojuvenil”.

¹ <https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/literatura-infantojuvenil/ouvir-a-diferenca>. Acesso em 22/11/2021.

2.1. Estabelecendo diálogos com a BNCC e o PNA

A leitura de *As fabulosas fábulas de Iauaretê* possibilita às crianças desenvolver algumas competências e habilidades previstas para os anos iniciais do Ensino Fundamental, de acordo com a BNCC.

É importante ressaltar que, embora seja possível estabelecer diálogos com outras áreas e propor desdobramentos de atividades a partir da adoção do livro, é fundamental considerar que a leitura de um livro literário tem um fim em si mesma e é uma experiência e tanto para a criança. A apreciação estética do texto e das ilustrações que a leitura proporciona e a troca de impressões com outros leitores, garantem muitas aprendizagens às crianças, contribuindo para a formação do leitor literário. Entre as aprendizagens proporcionadas pela leitura deste livro podemos citar: a reflexão sobre si mesmo e sobre a realidade que nos cerca, o conhecimento de outros jeitos de viver e estar no mundo e a ampliação de referências estéticas textuais e visuais.

Na própria BNCC, na parte dedicada aos anos iniciais do Ensino Fundamental, encontramos uma habilidade que expressa essas aprendizagens:

- (EF15LP15) *Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.*

Além disso, por apresentar o gênero “fábula” para as crianças, a obra permite que trabalhemos a habilidade EF02LP26: *Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.*

Por se tratar de histórias que abordam diferentes momentos das vidas das personagens das fábulas, a leitura do livro permite que a seguinte habilidade seja enfocada:

- (EF01LP26) *Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.*

E mais outras habilidades podem ser trabalhadas a partir da leitura do livro, entre as quais:

- (EF35LP03) *Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.*
- (EF35LP04) *Inferir informações implícitas nos textos lidos.*
- (EF35LP05) *Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.*
- (EF15LP18) *Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.*
- (EF15LP19) *Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.*

Em relação às competências gerais da área de linguagens, a leitura de *As fabulosas fábulas de Iauaretê* permite que se possa:

- Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.



2.2. Outras áreas – Ciências da Natureza e Ciências Humanas

Em relação às competências específicas das Ciências da Natureza para o Ensino Fundamental, a leitura do livro permite que se possa:

- Construir argumentos com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que promovam a consciência socioambiental e o respeito a si próprio e ao outro, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza.

Na área das Ciências Humanas, é possível abarcar duas competências gerais para o Ensino Fundamental a partir da leitura destas *Fabulosas fábulas*:

- Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
- Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Em relação à área de Geografia, a leitura do livro de Kaká abre caminhos para que se possa desenvolver a seguinte habilidade, prevista para o 4º ano:

- *(EF04GE01) Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira.*

Na área de História, pode-se trabalhar a seguinte habilidade, prevista para o 5º ano:

- *(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.*

No que diz respeito ao PNA, *As fabulosas fábulas de Iauaretê* poderão contribuir para que se desenvolva o vocabulário, ao apresentar novas palavras de origem indígena, tais como: murioça, pajé, jatobá, pirarucu, tupã. Além disso, a leitura em grupo permitirá que se trabalhem aspectos da interação verbal, à medida que se desenvolvam estratégias e atitudes que visam aumentar a quantidade e a qualidade do diálogo entre os leitores.



3. Propostas de atividades

3.1. Pré-leitura

Antes de ler o livro com sua turma, pergunte ao grupo de estudantes se eles e elas se lembram de ter lido ou ouvido fábulas anteriormente. Certamente, eles e elas terão referências, pois este é um gênero que está muito presente na infância e compõe o currículo de leitura da escola. Então, procure relembrar com o grupo as características desse tipo de texto. Em seguida, disponha em um tapete de livro alguns títulos que trazem fábulas – mesmo que não sejam as indígenas –, como as de Esopo e La Fontaine, e deixe os estudantes examinar em duplas ou em trios alguns exemplares, procurando ler e se aproximar do gênero, antes de iniciar a leitura de *As fabulosas fábulas de Iauaretê*. Ao final dessa exploração, você pode fazer uma roda e conversar sobre o que foi observado nos livros, compartilhando um pouco mais sobre as características do gênero. Ao final, pode-se comentar que em breve lerão um livro sobre fábulas, só que essas de origem indígena.

3.2. Leitura

Para o momento da leitura, é essencial que o professor ou professora faça um planejamento cuidadoso, para que possa trilhar caminhos seguros para explorar o livro.



E, para conhecer a obra, nada melhor que lê-la, e também buscar outras referências, como resenhas. A autora e pesquisadora Gabriela Romeu apresenta uma ótima no programa *Super-libris* do Sesc TV, disponível no *link*

<https://www.youtube.com/watch?v=-mMz3bR2MtE>.

3.3. Planejando a leitura

As fabulosas fábulas de Iauaretê abre muitas possibilidades de entrada e vários desdobramentos; por isso, é importante saber com clareza o que será proposto ao grupo a partir da leitura.

As escolhas começam já em relação à modalidade de leitura, que poderá ser: em voz alta pela professora ou professor, compartilhada ou individual e silenciosa.

Cada uma dessas modalidades envolve diferentes configurações e aprendizagens:

- Leitura em voz alta: nessa variação, o professor ou professora organiza os alunos em roda, próximos a ele ou ela, e faz a leitura com o livro em mãos. É importante que as crianças consigam ver o livro para observar as ilustrações e outros detalhes do projeto gráfico. O professor ou a professora atua como modelo de leitor mais experiente, fazendo as ações habituais próprias quando se lê uma obra: ler o título, o nome do autor ou autora, a editora, ilustrador ou ilustradora, como forma de in-

trodução ao livro. Além disso, pode-se fazer uma exploração de detalhes da capa e quarta capa, antecipações do que será encontrado no livro, observações das ilustrações e outros recursos gráficos e leitura integral do texto ou de partes do texto, com espaço para comentários e trocas de impressões sobre o que foi lido.

- Leitura compartilhada: nessa modalidade, o professor ou a professora lê o livro em voz alta, mas os estudantes acompanham a leitura com um exemplar em mãos. Pode-se também alternar a leitura entre as crianças. Acompanhar a leitura com o livro em mãos possibilita observar o texto, a sua relação com as ilustrações e outros recursos gráficos, atendo-se a certas passagens, voltando a trechos e refletindo sobre eles.
- Leitura individual e silenciosa: aqui, os estudantes leem sozinhos, em silêncio, trechos combinados previamente. Para que esse momento seja profícuo e prazeroso, convém organizar o espaço e o tempo de leitura. Por fim, depois da leitura, conversar sobre as sensações e descobertas que as crianças tiveram e fizeram.

3.4. Dividindo a leitura do livro: uma proposta

No caso deste livro, por conter dezesseis histórias, pode ser interessante dividir com o grupo de estudantes quais

histórias serão lidas em cada aula ou dia, já que ele é extenso para ser lido de uma vez só. Observando o sumário com o grupo, pode-se dividir a leitura em três momentos, cada qual referente a uma personagem: a onça Iauaretê, Juruá e Iauaratê-Mirim, compondo o ciclo das três figuras.

A escolha de cada modalidade e a divisão da leitura dependerão dos objetivos da proposta, das necessidades de aprendizagem e dos conhecimentos das crianças. Contudo, é muito importante garantir que, independentemente das modalidades, os leitores possam conversar sobre o que foi lido, com espaços para **interação verbal**.

3.5. Um pouco mais sobre a interação verbal e sua importância para a leitura

Aliás, a **interação verbal** entre os leitores é uma ação muito importante e é desejável que ocorra com frequência na escola, justamente por ser algo que faz parte do mundo dos leitores. Essa é uma ação ou comportamento leitor que faz muito sentido para aqueles que leem, já que ouvir a opinião de outros leitores também ajuda a ler melhor, na medida em que ninguém observa exatamente as mesmas coisas que outra pessoa. De acordo com a pesquisadora espanhola Teresa Colomer:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência do outro

para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências acumuladas mútuas. (COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007. p. 143)

Em relação ao comportamento leitor, quem nos ajuda a compreendê-lo no contexto da formação dos leitores é a pesquisadora argentina Delia Lerner, de acordo com a qual os comportamentos leitores são

conteúdos – e não tarefas, como se poderia acreditar – porque são aspectos do que se espera que os alunos aprendam, porque se fazem presentes na sala de aula precisamente para que os alunos se apropriem deles e possam pô-los em ação no futuro.” (LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 62)

A interação verbal entre os leitores faz parte dos comportamentos leitores e, portanto, é conteúdo escolar e deve ser planejada pelo professor ou professora, para garantir seu espaço na rotina. Ao planejar esse momento, é muito importante promover perguntas abertas, valorizando diferentes respostas, que possibilitem que as crianças compartilhem as suas impressões sobre a história ou livro lido, façam comparações com

outras leituras ou emitam opiniões sobre passagens polêmicas do enredo ou o desfecho do livro, ou se coloquem no lugar das personagens, estabelecendo relações com o que vivem etc.

Neste material, trazemos algumas ideias para a ampliação da exploração da obra na pré-leitura e na pós-leitura, além de sugestões para a **interação verbal** durante a **leitura dialogada**. Evidentemente, ajustes poderão ocorrer levando em conta as necessidades e conhecimentos de sua turma, bem como os seus objetivos com a leitura de *As fabulosas fábulas de Iauaretê*.

Se você optou por realizar a atividade de pré-leitura proposta neste material, este é o momento adequado para retomar a conversa sobre as fábulas, comentando que lerão um livro cujo título faz menção ao mesmo tipo de gênero. Em seguida, depois da leitura do título e nome do autor, ler o subtítulo, que traz um resumo do que acontece com a onça, sua mulher e filho. Nesse momento você pode fazer algumas perguntas para despertar a atenção dos alunos:

- O título faz menção a fabulosas fábulas. A partir do que lemos no subtítulo, dá para imaginar o que terá de fabuloso nessas histórias?
- Vocês imaginam a origem do autor Kaká Werá Jecupé? Por que será que seu nome é diferente daqueles com os quais estamos acostumados?

- Observando as ilustrações da capa, conseguem imaginar onde vive a personagem que está desenhada ao lado do pássaro? Por que acham isso? Quais são as pistas que a imagem nos apresenta para sabermos disso?

Depois dessa conversa, pode-se seguir lendo as páginas iniciais do livro, onde aparece o nome da ilustradora, Sawara. Uma curiosidade é o fato de ela ser uma menina e ter a idade próxima à das crianças quando fez os desenhos do livro, o que pode ser apontado para sua breve biografia ao final do livro. Neste momento, pode-se também ler a biografia de Kaká Werá, reportando à pergunta sobre a sua origem. Outro fato interessante diz respeito à preparação do autor para escrever esta obra, partindo da antologia de Couto Magalhães e de contos narrados por outros contadores de histórias, incluindo também aspectos de sua autoria nas fábulas.

Nesse momento ainda, você pode escolher alguns detalhes presentes no posfácio para compartilhar com a turma. O fato de Couto de Magalhães ser conhecido como “general caçador de histórias” pode ser uma informação muito atraente para as crianças, assim como os meios pelos quais conseguia recolher histórias: navegando por rios do território nacional, o que lhe dava acesso aos povos nativos do Brasil e seus saberes.

Aliás, vale apontar para as crianças que muitos conhecimentos não vêm de livros. Na verdade eles foram inicialmente

passados de geração a geração, como as histórias contadas oralmente de “pai para filho”, como se costuma dizer. Ao situar a origem oral dessas fábulas, valoriza-se essa forma de produção de conhecimento.

Ao compartilhar as informações do prefácio e do posfácio, pode-se dizer para as crianças o nome de cada parte do livro. Dessa maneira, elas vão construindo tais comportamentos leitores: quando lemos um livro, podemos ir nos aproximando de seu conteúdo por meio desses paratextos, que trazem informações relevantes sobre a obra e sua autoria.

Outro elemento que pode ser ressaltado é o sumário, que enumera aquilo que vai ser encontrado em toda a obra: as histórias que compõem o livro. Vale ressaltar que algumas das histórias, embora possam ser lidas de forma independente, possuem um encadeamento entre elas que respondem ao percurso de vida das personagens, com enredos que tratam do universo da família de Iauaretê, Kamakuã, Iauaretê-Mirim e Juruá, narrando suas conquistas e agruras. Outras têm um fim em si mesmas, trazem as disputas, e também a colaboração que pode haver entre os animais. Exemplo disso são as fábulas que giram em torno da onça (que nesta obra sempre são vividas por Iauaretê), do jabuti e da anta. Talvez as crianças até já tenham ouvido essas histórias. Conversar sobre essa composição das histórias pode ser um caminho interessante:

- Vocês notaram que algumas histórias parecem ter continuidade? Como são essas histórias? **Do que** elas tratam? Notaram que são fábulas que giram em torno de Iauaretê e sua família?
- Vocês se lembram do subtítulo que lemos na capa? Ele trazia uma síntese do que acontece nessas histórias sobre a onça-rei e sua família, não é mesmo?
- Há também as histórias que são mais independentes, não é? Vocês perceberam **quais** são elas?

Outro caminho para a conversa poderá ser a comparação entre essas histórias e outras semelhantes, já conhecidas do grupo:





talhes? Vocês já ouviram a expressão “quem conta um conto aumenta um ponto?”. **O que** isso significa?

Outra possibilidade pode ser uma reflexão sobre certas passagens das histórias, recuperando trechos e conversando sobre seus significados:

- Será que já tinham ouvido ou lido uma história parecida com Iauaretê e a anta? Sobre dois animais que resolvem fazer suas casas no mesmo terreno? **Quais** eram as personagens da história que conheciam? **O que** é parecido nelas? E **o que** é diferente, além dos animais envolvidos?
- Neste livro, há algumas fábulas em que a onça é enganada por um animal mais fraco. Será que conhecem outras histórias em que isso acontece? O maior e mais forte é vencido pela esperteza do menor? **Quais** são essas histórias?
- **O que** vocês imaginam que essas histórias em que os menores vencem os maiores podem nos mostrar?
- Alguém já conhecia outras histórias que são narradas neste livro, mas contadas de outro jeito? **Por que** será que essas histórias se modificaram, alterando alguns de-

- Juruá e Iauaretê-Mirim eram irmãos bem diferentes e que também tiveram destinos muito distintos. Vamos escolher trechos que recuperam o que aconteceu com eles e como cada um deles foi aprendendo coisas importantes em suas vidas?
- As fábulas e muitas histórias tradicionais fazem a gente pensar na vida, nos caminhos que podem ser tomados e suas consequências. Na história, “Juruá vira peixe”, Anhangá fala para Juruá: “Na verdade, salvei sua vida e de seus futuros filhos e netos”. **Por que** ele diz isso? **O que** ele faz para salvar a vida de Juruá e seus descendentes?
- Iauaretê-Mirim se transforma em pajé. **Por que** ele foi capaz de se transformar em pajé?

3.5. Pós-leitura

As atividades de pós-leitura da obra poderão incluir apreciações estéticas das ilustrações e o projeto gráfico do livro, bem

como a representação gráfica das histórias, seguindo os passos de Sawara. Outras alternativas poderão versar sobre os desdobramentos da leitura visando reflexões sobre outras áreas de conhecimento: uma pesquisa sobre os Kamaiurá e conversas sobre cooperação, em vez de exploração do meio ambiente.

3.6. Olhares para a ilustração

Pelo fato de Sawara ter mais ou menos a idade dos estudantes do 4º ou 5º anos, pode ser atraente fazer o contato com o livro por meio das ilustrações. Para isso, retome com o grupo a biografia de Sawara ao final do livro. Alguns elementos podem ser destacados.



Sawara e as árvores:

- **Como** Sawara representa as árvores em seus desenhos? **O que** ela escolhe destacar nesses desenhos? **Como** faz as folhas e os galhos? É sempre da mesma maneira? **O que** pode ter ajudado Sawara a desenhar dessa maneira?
- Vamos escolher uma árvore (do pátio da escola ou de uma fotografia) para observar e desenhar?

Sawara, o projeto gráfico do livro e grafismos indígenas:

- Vocês notaram que em algumas histórias, Sawara desenha grafismos indígenas? Eles podem ser vistos em objetos e utensílios. Vocês conseguem descobrir em quais desenhos aparecem?
- Além dos desenhos de Sawara, o livro conta com um projeto gráfico que usa exemplos de grafismos indígenas.
- Vamos fazer pesquisas sobre grafismos indígenas e o que eles significam?

Uma das referências mais confiáveis para que os estudantes possam ampliar seus conhecimentos sobre grafismos indígenas é o site do Instituto Socioambiental (ISA), onde há uma listagem de vários *links* sobre como algumas etnias utilizam os grafismos em sua arte:

<https://pib.socioambiental.org/pt/index.php?search=grafismos&fulltext=1>

3.7. Conhecendo um pouco mais dos Kamaiurá

Iauaretê se casa com a bela Kamakuá, da aldeia kamaiurá. Que tal conhecer um pouco mais sobre esse povo? Você poderá levantar com seu grupo o que seria interessante saber sobre os kamaiuará:

- Onde vivem?
- Como vivem? Como são suas casas?
- Quais são os rituais desse povo?
- Como é sua cosmologia? Ou seja, como compreendem o mundo e sua criação?

No *site* do Instituto Socioambiental (ISA) há algumas informações sobre esse povo que vive na região do Alto Xingu, no link:

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kamaiur%C3%A1>.

A turma poderá ser dividida em grupos, cada qual encarregado de pesquisar parte do mundo desse povo, como modo de vida, rituais, música e dança, trabalho, alimentação, para depois compartilhar as informações em seminário ou mural.

3.8. O que os indígenas podem nos ensinar sobre a relação com o meio ambiente?

As histórias de *As fabulosas fábulas de Iauaretê* apresentam muitas facetas. Uma delas diz respeito às relações com o meio ambiente e entre os seres vivos. A personagem Juruá nos faz pensar na natureza, ao adotar uma postura predatória diante do meio ambiente, denunciada por Anhangá, defensor da natureza. Ultimamente, por causa dos inúmeros problemas que o planeta enfrenta devido a uma relação de exploração do meio ambiente, temos nos voltado cada vez mais aos saberes e valores indígenas no que tange ao cuidado com o mundo em que vivemos. O que os indígenas têm a nos ensinar sobre como melhorar nossa relação com o lugar em que vivemos, com a Terra e seus habitantes? A partir de uma reflexão sobre as histórias, e considerando outras ideias do autor Kaká Werá, o que precisamos levar em conta como condição para que possamos viver de forma mais harmoniosa com o meio ambiente? Ao assistir a conversa de Kaká Werá com Daniel Munduruku, no canal deste autor:

<https://www.youtube.com/watch?v=wJS1YbT-Lhg>

podemos levantar com a turma um trecho das histórias que revele uma boa relação com o meio ambiente e as ideias de Kaká Werá para que tenhamos uma convivência melhor e

mais qualidade de vida na Terra. Em seguida, organizar um mural com esses pensamentos e estimular um diálogo com a comunidade: o que mais podemos fazer para melhorar nossa relação com o meio ambiente?

4. Outras propostas de abordagem da obra

4.1. Comunidade de leitores na escola – Recontando a história preferida para outras turmas ou familiares

Para além da sala de aula, é muito importante que toda a escola se mobilize no sentido de formar leitores, propondo práticas institucionais em torno do livro, ou seja, ações que envolvam, se não toda a comunidade escolar, uma boa parte dela. Para ampliar as trocas com outros leitores, pode-se propor às crianças recontar a história preferida de *As fabulosas fábulas de Iauaretê* para outras turmas da escola.

4.2. Por que uma atividade de reconto oral?

Não só porque as histórias tradicionais são muito favoráveis para atividades de reconto, mas também porque o próprio



Kaká Werá recontou as histórias ao seu modo, faz muito sentido promover o reconto como prática pós-leitura. Para tanto, divida a turma em grupos e sugira que cada um deles escolha uma das histórias a ser recontada para outros membros da comunidade escolar, outras turmas ou mesmo aos familiares. Lembre-se de que essa atividade exige completo domínio sobre a história. Então, é necessário ler várias vezes e conversar bastante sobre ela. E muitos ensaios, com modificações da entonação, pausas, ou mesmo “improvisado” de algumas expressões.

E para o aprimoramento da apresentação, nada melhor do que as “críticas” e sugestões dos colegas espectadores do ensaio, para apurar a performance. Tudo pronto, é só marcar o dia do evento, disponibilizando, se possível, o livro para os assistentes, a fim de acompanhar o reconto, o que poderá despertar a atenção deles para outras histórias e, consequentemente, mais leituras.

4.3. Leitura em casa (literacia familiar)

É sabido que a leitura em casa contribui para a formação de leitores e para maior engajamento das crianças no universo. As famílias são grandes aliadas da escola para a formação de leitores. Também sabemos que, por muitas circunstâncias, nem sempre as famílias têm a possibilidade de ter livros em casa e compartilhar momentos de leitura com as crianças. É função da escola contribuir para esse processo, oferecendo condições para que os livros frequentem as casas das crianças. Uma das formas de se ampliar os momentos de leitura em casa consiste em empréstimos de livros. Desse modo, a escola deve disponibilizar momentos para que as crianças possam escolher livros para levar para casa, compartilhando com seus familiares títulos de sua preferência. Além de envolver a família e a criança em uma atividade de leitura, esse tipo de proposta muitas vezes favorece o vín-

culo entre as pessoas, permeado pelo encontro com o livro, possibilitando que todos possam se deter em uma leitura, experimentando o contato com outros modos de organização da linguagem escrita, ampliando olhares para o mundo por meio da literatura e da arte.

Além da possibilidade de a criança escolher o que deseja levar para casa e ler, há outras formas de se planejar o empréstimo. Por exemplo, sugerir, depois de terminada a leitura de *As fabulosas fábulas de Iauaretê* na escola, que as crianças levem o livro para casa, a fim de compartilhar a leitura com os familiares.

Por trazer histórias tradicionais, será que os familiares conhecem enredos semelhantes? Onde ouviram essas histórias? Quais são as semelhanças e diferenças? Será que há famílias de origem indígena entre as crianças da turma? Quais são essas origens? Escutavam histórias como essas de *As fábulas fabulosas de Iauaretê* na infância? Como eram essas histórias?

Na volta à escola, promova uma roda de conversa sobre o que as famílias trouxeram. Uma possibilidade ainda maior de desdobramento é uma pesquisa junto às famílias de origem indígena. De onde são? De quais povos descendem? O que sabem sobre seus familiares, cultura, valores e saberes? Dessa forma, amplia-se não só o conhecimento do grupo sobre nossos ancestrais como também a valorização da imensa e rica diversidade cultural de nosso país.

Bibliografia comentada

BRASIL. Ministério da Educação – Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em agosto de 2021.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

BRASIL. Ministério da Educação – Política Nacional de Alfabetização (PNA). Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/>. Acesso em agosto de 2021.

O Plano Nacional de Alfabetização (PNA) é um documento feito pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

COLOMER, T. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Teresa Colomer, renomada pesquisadora espanhola, discute questões fundamentais para todos os que desejam se aprofundar no tema da formação de leitores na escola, abordando tanto a teoria quanto a prática. O livro está organizado em duas partes. A primeira se dedica a três aspectos que interagem no processo da educação literária: a escola, os leitores e os livros; a segunda expõe a inter-relação desses elementos com possibilidades de leitura que ajudam os professores a planejar propostas de leitura.

LERNER, D. *Ler e escrever na escola; o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Delia Lerner discute as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola, propõe soluções para transformar o cenário ainda bastante desafiador nesse quesito. Com embasamento teórico consistente, a autora ajuda os educadores na compreensão do que precisa ser ensinado quando se quer formar leitores e escritores de fato, oferecendo exemplos de propostas de leitura e escrita e colaborando para a organização do tempo didático. Delia Lerner também discute a importância de o professor criar condições para que os alunos participem ativamente da cultura escrita desde a alfabetização inicial, uma vez que constroem simultaneamente conhecimentos sobre o sistema de escrita e a linguagem que usamos para escrever.

Referências Bibliográficas complementares

THIÉL, Janice. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/PJsZ4S3tMLKBmyJ83VKXcQg/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 22/11/2021.

Neste artigo, a autora apresenta uma discussão sobre a presença e as características estético-literárias das textualidades indígenas, tendo como objetivo desenvolver uma reflexão sobre como o contato com essa literatura pelo público formado por crianças e jovens pode promover a geração de leitores competentes, multiculturais e multiletrados.

REYES, Yolanda. Como escolher boa literatura para crianças. Revista *Emília*, <https://emilia.org.br/como-escolher-boa-literatura-para-criancas/>. Acesso em 29/10/2021.

Nesse artigo a pesquisadora colombiana levanta os diversos elementos que devem ser considerados para a escolha das leituras literárias voltadas para a infância. Trazendo uma diversidade de indicações, como o cuidado com adaptações, o olhar para as imagens e a editora, o artigo é um apoio para a seleção literária na escola e no ambiente familiar.





EDITORa aCaLANTO